

HISTÓRIA E CULTURA NAS ESCOLAS, NAS PRISÕES E NAS ESCOLAS DAS PRISÕES: ENSAIO DE PEDAGOGIA CARCERÁRIA NO PRESÍDIO DO SERROTÃO

Helmano de Andrade Ramos*
Antônio Lino Ramos Neto*

Introdução

*“Toda instituição, conquista parte do tempo e do interesse de seus participantes,
e lhes dá algo de um mundo.*

Em resumo, tem tendência ao fechamento” (GOFFMAN, 1991, p. 09).

A finalidade do artigo é discutirmos a respeito da Pedagogia Carcerária utilizando-se das práticas escolares no interior da Penitenciária Regional Agrícola Raimundo Asfora “Serrotão”. Para tanto, estudamos primeiramente os discursos relacionados à função da escola na sociedade, em seguida, a função social da prisão, e por fim, ao fundirmos essas duas instituições, expressamos a dissonância entre os discursos e o cotidiano escolar no presídio conhecido como Serrotão⁷⁷.

Diferenças essas que Gadotti (2001), ao convidar seus leitores ao estudo da História da Pedagogia em Freire (1996), observa por este, que no Século XX, as escolas brasileiras ainda representam locais de detenção dos saberes, para os quais, o professor retinha o poder sobre os

* Helmano de Andrade Ramos é Historiador pela Universidade Federal de Campina Grande, Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual da Paraíba e Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, atualmente desenvolve pesquisa com processos-crimes e instituições carcerárias.

* Antônio Lino Ramos Neto é Historiador pela Universidade Estadual da Paraíba ex-aluno especial do Mestrado em História pela Universidade Federal de Campina Grande, atualmente é policial militar do Estado da Paraíba.

⁷⁷ Nomenclatura dada devido a sua estrutura geográfica, localizado em uma serra, mas também pelos fatos que marcam a história daquela instituição.

estudantes, e a instituição era a responsável por transmitir a ideologia dominante na sociedade capitalista⁷⁸.

Já na perspectiva de Canclini (1998), os novos meios de comunicação que transformaram o capitalismo, possibilitaram a ampliação do acesso às informações⁷⁹, mas também, fizeram com que as escolas se tornassem responsáveis por tecnicamente, prepararem os alunos para a absorção de informações e sua adaptação àquilo que chamou de sociedade híbrida. Pensamento que transforma a escola em produto da sociedade em rede, ao mesmo tempo em que, ao aproximar as heterogeneidades culturais, para o autor, mantêm, e por vezes, potencializam as práticas tradicionais no interior das instituições.

Paralelo ao desenvolvimento tecnológico das sociedades industriais capitalistas, todas as nações buscam dentro das suas instituições, divulgarem os valores e os saberes próprios da cultura tecnológica dominante⁸⁰. Em contrapartida, a aquisição de qualquer conhecimento como lembrado por Freire (1996), nunca se faz de forma passiva, pelo contrário, é marcada por formas de reprodução dos hábitos e de resistência da classe dominada.

A convergência entre Freire e Gadotti a um tipo de pensamento, contextualizado contemporaneamente por Canclini, coloca a escola como responsável pela formação das identidades aptas à multiculturalidade, e que essa, apenas encontra-se representada como modelo ideal, pois sendo uma Instituição Total, definida sociologicamente por Goffman (2001), visa primeiramente, a disciplinarização das identidades. E, no caso das escolas brasileiras, o preparo para o capitalismo tecnológico, aplicado em sentido máximo ou o atraso pedagógico.

Gadotti (2000) informa que a perplexidade e a crise de paradigmas, já era temática desde a constituição das primeiras escolas nacionais, caracterizadas por uma espécie de imobilismo pedagógico. Por isso, as instituições escolares devem buscar recursos que as possibilitem entender o processo de transformação social, vinculados às ideologias que as precedem, mas também, entender as reproduções e as resistências no interior das escolas e das prisões.

As Escolas

⁷⁸ Cujas finalidades para Freire (1996) é a formação de sujeitos disciplinados, conforme as exigências do mercado de trabalho.

⁷⁹ Dinamizando e divulgando o conhecimento.

⁸⁰ Representado pela camada social burguesa.

Para evidenciarmos o vínculo entre as escolas e as prisões, reproduzimos de Goffman (2001), o termo Instituição Total, com o objetivo de abordar primeiramente as escolas, e percebermos com Gadotti (2000, p. 08), que o objetivo da teoria denominada de Pedagogia Carcerária, é servir como uma bússola para superar, aquilo que Foucault (1979) chamou de utilitarismo dos corpos tanto nas escolas quanto nas prisões. De fato, a crítica à Pedagogia Carcerária a torna útil, para evidenciar a competitividade no interior dessas instituições, mas também, para confirmar a importância da escola nas prisões.

O principal objetivo da Pedagogia Carcerária deveria, então, ser o desenvolvimento de um currículo escolar em conformidade com as transformações práticas, dentro das instituições escolares e prisionais. Nesses termos, é refletir um modelo ideal distante da realidade nacional, marcada por inúmeras deficiências estruturais e violências, que aproxima as escolas e as prisões, pelo eixo do utilitarismo dos corpos dos estudantes e dos detentos.

Uma breve noção da realidade que aproxima as escolas e as prisões foi expressa pela O.C.D.E (Organização para a Cooperação para o Desenvolvimento Econômico), quando em pesquisa no ano de 2014, constatou que entre trinta e quatro países, foi no Brasil, onde ocorreu o maior número de relatos de violência contra os professores no interior das escolas. Se associarmos essa constatação às estatísticas do Ministério da Justiça, que no mesmo ano, aponta o país como o quarto em população carcerária, poderemos ter uma noção da problemática.

As escolas e as prisões brasileiras não desempenham papéis transformadores, pelo contrário, as deficiências estruturais e a violência, por serem suas principais características, no sentido maléfico, transformam as identidades. Para Foucault (1979) a escola e a prisão são utilizadas como ferramentas de controle por parte dos governantes, enquanto transmissores da ideologia dominante aos corpos dominados.

Nesse contexto de relação de poder, os dominantes utilizam-se das formas estratégicas, enquanto os dominados as remodelam, através da prática, chamada de tática “(...) como o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças (...) e táticas, como ações que permitem jogar com o terreno que lhe é imposto tal como organiza a lei de uma força estranha” (CERTEAU, 1994, p. 99, 100). Assim, o primeiro visa impor a prática efetiva ao determinado discurso, e o segundo reverte essa teoria às condições institucionais pelas quais sobrevive.

A compreensão sobre a finalidade da escola na prisão permite problematizarmos a função social da prisão, pois assim como a escola possui um objetivo específico no controle

social pela educação, a escola no cárcere parte do princípio de controle exacerbado dos corpos. A intenção é moldá-los aos interesses da ideologia dominante, e assim, ressocializá-los.

Foucault (1979) entende a prisão como um dispositivo ou uma ferramenta, inserida no interior de uma estrutura ideológica:

(...) um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos (...). Em suma o dito, e o não dito são os elementos do dispositivo. (FOUCAULT, 1979, p 364).

As práticas institucionais colocadas pelo autor são regidas por relações de poder e saber. Nesse sentido, tanto as prisões como as escolas tornam-se ferramentas para a manutenção de um dispositivo dominante, que se utiliza de diversas estratégias e táticas para perpetuarem-se no poder, através do controle ideológico das identidades internas. Em Goffman, depois em Foucault, as escolas e as prisões foram inseridas num único conceito (Instituições Totais), caracterizadas pelo fechamento arquitetônico e o isolamento dos internos. Essa é a maneira de maximizar o desempenho da função institucional sobre os corpos dominados.

A prisão busca eliminar as possibilidades de interação com o meio externo, o substituindo pelas determinações internas. De forma que, oficialmente, os indivíduos nela inseridos, estão regidos por determinações administrativas em períodos programados, sob vigilância constante dos funcionários, mas também, dos demais internos. A ideia de Foucault (1979) é que essa realidade efetiva é observada, e como sempre, questionada, ao se efetivarem como produto das resistências internas nas escolas, nas prisões e nas escolas prisionais.

Outra característica é o fato dos corpos serem governados por um poder disciplinar que domina e administra o tempo do indivíduo através de normas estratégicas impostas por regras de conduta e comportamentos. A expectativa é de se implantar conceitos e valores morais que fundamentem as bases nas escolas, nas prisões e nas escolas prisionais.

As medidas de controle institucional provocam uma espécie de acultramento dos internos, a partir do que, passam a obedecer às normas e a desenvolverem comportamentos próprios da resistência ao cumprimento das imposições institucionais. Os alunos, os detentos e os alunos-detentos adotam padrões em suas identidades, ao mesmo tempo em que as instituições provocam o que Goffman (2001) chamou de mortificação do eu.

As características identitárias pertencentes ao interno fora do presídio passam por um processo de substituição, em que o sujeito se torna institucionalizado e os internos assumem as funções que lhes são estranhas, mesmo quando são obrigados a desempenhá-las. É um processo

de cura dos maus hábitos, a partir da reflexão e das atividades internas, para sanar os males sociais.

O cara pode até desenvolver os piores instintos de um ser humano, sabe cara, pode até acontecer isso, mas o cara tem que a cada dia procurar ser uma pessoa melhor. (Trecho de entrevista com Severino do Ramo Silva Lima, “Careca” em janeiro de 2007).

De forma prática, o detento, traduzia aquilo que teoricamente, se constatava a respeito da violação dos sujeitos no interior das prisões: “a fronteira que o indivíduo estabelece entre o seu ser e o ambiente é invadida e as encarnações do eu são profanadas” (GOFFMAN, 2001, p. 31). Nessa perspectiva, observa que é a própria instituição encarregada da profanação, através de aplicações diversas do discurso ressocializador. Em meio às normas e determinações, forma-se um encadeamento prático que invade os indivíduos e torna-se coletivamente institucionalizado.

Tanto para Goffman, quanto para Foucault, os espaços prisionais se caracterizam da seguinte maneira:

(...) um poder quase total sobre os detentos; tem seus mecanismos internos de repressão e de castigo: disciplina despótica. Leva a mais forte intensidade todos os processos que encontramos nos outros dispositivos de disciplina (...) seu modo de ação é a coação de uma educação total. (FOUCAULT, 1979, p 199).

A representação feita por Foucault (1979) enfatiza o potencial de controle exercido pela prisão sobre os corpos dos indivíduos, forçados a anularem-se em suas individualidades e a submeterem-se aos interesses do Estado. Conforme pensa o autor, ao invés de ressocializar, a prisão cria delinquentes, os identifica e os controla. Enfim, não é um órgão ressocializador, mas controlador. Local onde o poder adquire sua essência: “o poder é algo repressivo. É o que reprime a natureza, os indivíduos, os instintos, uma classe” (FOUCAULT, 2012, p. 274).

As prisões

A interpretação a respeito das funções sociais das instituições como aparelhamentos controladores, nos permite o estudo crítico dos objetivos das escolas, das prisões e das escolas nas prisões. Assim, nos focamos nas particularidades que envolve o trabalho escolar na prisão para dialogarmos com as táticas prisionais levadas ao cotidiano escolar. De forma que a realidade escolar na Penitenciária Regional Agrícola Raimundo Asfora “Serrotão”, na cidade de Campina Grande, Paraíba, deve ser apresentada em suas características próprias, ou seja, vinculadas às suas especificidades. O que apenas as tornam possíveis de serem expressas na forma da pesquisa interna e interação com aqueles que fazem o “Presídio do Serrotão”.

A pesquisa contou com a autorização judicial concedida pela Terceira Vara de Execuções Penais para frequentarmos o presídio, onde diante da diversidade dos problemas institucionais, percebemos que as táticas invadem as estratégias para se elevarem ao ensino naquela instituição. Identificamos que a escola dentro da penitenciária traz uma série de benefícios ao detento estudante, cujas principais são: fugir da convivência com os demais internos e facilitar a admissão individual dos preceitos de ressocialização.

Pela observação das práticas escolares no interior da penitenciária, podemos caracterizá-las como a principal ferramenta para aquisição de conhecimentos úteis ao convívio no mundo externo. Por outro lado, no mundo interno, a escola é o dispositivo que desenvolve nos detentos o desejo de ressocialização ao poderem desenvolver uma profissão internamente adquirida, mas principalmente, por diminuir as chances de aumentarem as suas penas ao se distanciarem das identidades criminosas.

A implantação da escola no interior do “Presídio do Serrotão” representa uma estratégia institucional para fazer o sistema desempenhar a sua função controladora, e com isso, intensificar a implantação dos valores ideológicos que o aparelha. É nesse sentido, que ao permitir o distanciamento das identidades internas, a escola no cárcere ajuda determinados internos a interiorizarem as normas socializadoras⁸¹.

A escola no cárcere atua como um aparelho controlador no interior de outro, ambos com um único objetivo, modelar algumas identidades internas, enquanto as diferenciam daquelas consideradas irreversíveis. Excluídos da sociedade produtiva, é na escola da prisão que os detentos recuperáveis adquirem a carga ideológica necessária para a transformação individual, ou ressocialização.

A penitenciária Regional Agrícola Raimundo Asfora “Serrotão” continha cerca de 900 (novecentos) detentos, durante o período da pesquisa⁸², superlotando uma estrutura construída para 350 (trezentos e cinquenta) indivíduos. Nesse ambiente, as constantes transgressões e os crimes levavam alguns detentos a utilizarem a escola como uma tática para saírem do convívio com a maioria dos detentos do presídio. Isso evitava serem incluídos nas tramas articuladas no interior prisional.

O cotidiano da pesquisa indicou que no convívio dos detentos com identidades ligadas à criminalidade são planejadas ações para burlarem as determinações institucionais, e postas em

⁸¹ Por normas socializadoras entenda-se estudo, trabalho e religião.

⁸² Pesquisa realizada no primeiro semestre de 2015.

prática seus mentores. Pessoas que por exercerem poder de comando sobre outros detentos, a esses obrigam às burlas do sistema, fomentada pela circulação diária dos detentos-estudantes entre a parte segura e a chamada favela do Presídio do Serrotão.

A tática de alguns internos é pela escola, fugir temporariamente do convívio com os outros internos, o que minimiza a possibilidade de serem obrigados a assumirem a autoria de alguma atividade criminosa⁸³, bem como lhes dão oportunidade de residirem no regime seguro do presídio. Outrossim, o período em que estão na escola contrasta com a ociosidade da maioria dos detentos, que fora de celas podem articularem-se livremente nos espaços entre os pavilhões. Por isso, é na favela do Presídio do Serrotão onde articula-se parte das questões criminosas do presídio e de fora dele.

De uma maneira peculiar, observamos que o papel da escola é servir de recurso para evitar as injustiças institucionais, e assim, garantir ao detento a maior possibilidade de ressocialização. A escola torna-se o meio, pelo qual o interno busca mostrar a administração carcerária que pretende ter bom comportamento, não descumprir as ordens internas, ser beneficiado com a remissão e regressar à sociedade.

Durante a pesquisa na escola do “Presídio do Serrotão”, realizamos algumas entrevistas com professores, detentos e agentes penitenciários com o objetivo de fazer um “estudo interpretativo da cultura” (GEERTZ, 1997, p. 29)⁸⁴ e compreender as diversidades, a partir das diferentes funções exercidas pela escola no interior daquela instituição.

As percepções dos professores sobre o desempenho de suas funções e o que estes representam para quem está preso e estuda, atinge a relação entre os detentos e os docentes, pois sendo os primeiros, os responsáveis pelas práticas escolares, detêm do segundo, o respeito consideravelmente maior do que o reconhecimento social por sua profissão.

Constatamos a existência de um sentimento de satisfação, quando relatam que os alunos elogiam o trabalho docente, os fazendo sentirem-se reconhecidos e trazendo um bem estar maior do que em suas experiências nas escolas públicas⁸⁵. As condições da prisão fazem os alunos observarem os professores como alguém que se predispõe a ajudá-los à ressocialização.

Por outro lado, ao conversarmos com um os detentos estudantes, indagamos sobre a relação entre detentos e os professores, momento em que o entrevistado afirmou:

⁸³ Principalmente, se tratando de homicídios internos.

⁸⁴ GEERTZ, Clifford (1998). **O saber local**: novos ensaios em Antropologia interpretativa, Petrópolis: Vozes.

⁸⁵ Para Gomes (2015) marcada pela violência contra os professores e alunos e falta de estrutura didática.

Os professores estão de parabéns, pela coragem e determinação de vir até a prisão e nos ensinar (...) fazendo agente se sentir útil, sabendo que pessoas da sociedade, vêm até aqui e vê que nós não somos os monstros que a sociedade desenha. (Trecho de entrevista realizada com um detento-estudante, em março de 2016).

A fala do detento demonstra o respeito por parte dos alunos em relação aos professores, vistos como pessoas fundamentais no processo de desmistificação da representação dos detentos como monstros sociais. São pessoas que fazendo parte da sociedade, escolhem a prisão como lugar de trabalho, porque acreditam na transformação individual que leve à consciência sobre os delitos, mas principalmente, os apresenta a possibilidade de transformarem-se em cidadãos, via ressocialização.

A principal dificuldade para os detentos estudarem no Presídio do Serrotão é a falta de vagas disponíveis na escola, cuja oferta e os cursos seguem um determinado procedimento. Em que primeiro a direção do presídio é informada pela direção da escola sobre o número de vagas e de cursos oferecidos para o período de seis meses. Quem opta pelo estudo, manifesta tal vontade à direção, que por sua vez, analisa o pedido; fazendo a triagem da personalidade, do comportamento e do vínculo criminoso do detento, para finalmente, apresentá-lo à direção da escola, que ainda pode aceitar ou rejeitar o detento.

A Escola na Prisão

Dos 950 (novecentos e cinquenta) internos, 80 (oitenta) estavam estudando no momento da pesquisa. O que dá uma média de 8,4% (oito vírgula quatro por cento). Essa minoria vai à escola todas as manhãs, através dos programas educacionais PROJOVEM e PROENEM, financiados com recursos federais e compartilhados com o Estado da Paraíba, que executa os programas, que até então, contavam com 10 (dez) professores, mas sem a oficialização do estabelecimento em UTB (Unidade de Trabalho), principal reivindicação dos educadores⁸⁶.

Nele, o PROJOVEM é direcionado aos estudantes que não concluíram o ensino fundamental ou o ensino médio na idade correta, e desejam especialmente, alfabetizarem-se. O PROENEM é um projeto direcionado aos detentos que pretendem fazer o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Complementarmente, os cursos técnicos ministrados no interior do Presídio do Serrotão eram executados pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), e estavam distribuídos em dois níveis: profissionalizantes e terapêuticos. Os cursos

⁸⁶ Fator que segundo alguns professores poderia acarretar problemas no momento da aposentadoria.

profissionalizantes são: montador e instalador de móveis, serigrafia, computação, cerâmica e culinária, padeiro e pedreiro, enquanto os terapêuticos são cinemateca, biblioteca e oficina de reciclagem de papel e confecção de objetos⁸⁷.

Como forma de controle sobre o processo escolar, a administração intensifica a vigilância no caminho entre os pavilhões e a escola. Nesse momento, os detentos são revistados, algemados e conduzidos até a escola pelos agentes penitenciários, que lá permanecem, até o término das aulas. Ao final, os detentos são novamente algemados, e seguem, pelo mesmo caminho de volta aos pavilhões e celas.

A ação de algemar os detentos, na condução entre os pavilhões e a escola, mostra com clareza o exercício do poder repressor e das perspectivas controladoras das mínimas ações dos detentos. Dessa forma, para estudar, o detento é constantemente lembrado da sua condição de submisso à vigilância, tanto no percurso para as salas, como durante as aulas; a disciplina se mostra praticada ininterruptamente, pois ao chegar à sala, o detento entra e tem uma mão solta a algema e presa a carteira e a outra livre para utilização em aula, realizada por vigilância armada dos agentes penitenciários⁸⁸.

A vantagem oficial da prática escolar na prisão está relacionada aos benefícios na redução de 01 (um) dia de pena para cada doze horas estudadas. Portanto, além de diminuir o tempo em que possam estar vulneráveis às ilicitudes da prisão, a prática escolar proporciona a diminuição do período de reclusão e da possibilidade de envolvimento no contexto criminal como um benefício extraoficial.

A escola torna-se a forma de amenizar o sofrimento causado pelo enclausuramento, além de uma possibilidade de redução no tempo em que cumprirá a pena no regime fechado⁸⁹ e a oportunidade de adquirirem os saberes necessários para o mercado de trabalho. O objetivo é evitar a reincidência nas práticas delitivas e estimular a ressocialização.

“Ela abre nossa mente pra gente ver que somos útil (sic) para a sociedade, serve pra quando a gente sair, ter pelo menos um grau de estudo, pra poder trabalhar, fazer um curso e também serve pra ocupar a nossa mente”. (Trecho de entrevista realizada com o detento-estudante, em março de 2016).

Conforme o relato do detento, confirmamos que entre as diversas funções realizadas pela escola na prisão, todas estão ligadas à sua função ressocializadora dos detentos que se

⁸⁷ Bolsas, porta-joias, quadros, casas etc.

⁸⁸ Conforme citado pelo agente Clóvis Brasileiro são três agentes na porta da sala, dois com armas não letais, balas de borracha e o ultimo com arma letal, espingarda calibre 12.

⁸⁹ Sistema em que o detento cumpre a pena sem nenhum contato físico com o meio externo.

dispõem a estudar, e que objetivamente, pretendem sair da exclusão e retornarem ao contexto social produtivo. Oficialmente: o trabalho, a religião e o estudo são as fontes que os tornam aptos ao convívio externo, sendo esses, padrões internamente adquiridos.

Cabe observar em Foucault (2008), que os padrões estabelecidos internamente indicam o trabalho como nulo, o estudo como precário e a religião como a última, e mais antiga tentativa de transformação; não do coletivo, mas do sujeito. Pela precariedade, notamos a diferença entre as funções da prisão e da escola na prisão, ao evidenciarmos que embora ambas desempenhem diferentes papéis, possuem objetivos predeterminados; a formação e a ressocialização em uma estrutura pensada para o sofrimento⁹⁰.

Não contribui pra nossa ressocialização, porque eles nos trata mau e tratam nossos familiares mal, nossos familiares passam por constrangimento e a gente se revolta. O que leva a gente a se ressocializar é quando a gente começa a pensar que além de nós sofrermos, estamos botando os nossos familiares pra sofrer e no meu caso foi a transformação de Deus. Comecei a ouvir as pessoas que vinham evangelizar no presídio e estudar as escrituras sagradas e perceber que sempre que a gente faz o errado, pagamos o preço e eu não quero sofrer o resto da minha vida. (Trecho de Entrevista Realizada com um detento-estudante do Presídio Regional Agrícola do Serrotão, em março de 2016).

Pela análise posta, o detento apresenta as diferentes funções da prisão e da escola na prisão, ao defender a ideia de que a iniciativa para a ressocialização parte do próprio detento, que ao se submeterem às regras escolares e as normas dos presídios, encontram a peculiaridade naquele espaço de sofrimento⁹¹. Esse é o estímulo à iniciativa de fugir ao cotidiano, estudar para retornar à sociedade como indivíduo útil ou ressocializado.

A prática escolar é uma estratégia institucional para a ressocialização, que junto com as atividades de trabalho e religião⁹², representam os caminhos a serem percorridos pelos que pretendem mudar seus hábitos, através dos conhecimentos adquiridos no interior do Presídio do Serrotão.

Conclusão

⁹⁰ A estrutura do Panóptico de Bentham, pensado como moderno, traz o modelo de sua mais antiga elaboração, os cadafalsos, acrescentado a esses, uma forma iluminada e humana em sua execução, buscado na religião. Daí a estrutura prisional e a representação dos detentos.

⁹¹ Constantemente os detentos que estudam são considerados informantes, alcaguetes, e por vezes, são obrigados a saírem do convívio com a maioria dos apenados, na área dentro da Penitenciária Regional Raimundo Asfora, Serrotão, denominada de favela, para serem obrigados a cumprirem suas penas no Sistema Seguro, parte próxima da direção do presídio.

⁹² Mas também, por vezes de terapia.

Conforme exposto, os detentos embora não acreditem na prisão como órgão ressocializador e do grande número de reincidentes⁹³, acreditam na escola como uma iniciativa ressocializadora, junto do trabalho e da religião. Primeiro, por possibilitar fugirem dos males do enclausuramento, em seguida, por adquirirem novas perspectivas de vida, e por último, por lhes concederem um conhecimento técnico útil à ideologia produtivista do capitalismo.

Nesses termos, a escola do Presídio Regional do Serrotão funciona diariamente oferecendo aos internos, modalidades do ensino regular e cursos; profissionalizantes e terapêuticos, com o intuito de que ao se libertar, o detento possa internamente ter adquirido uma formação que antes, ele não tinha, o que facilitaria inclusive, a manutenção disciplinar do corpo apenado. Outrossim, os detentos apresentam formas resistência, inclusive àqueles que estudam, através da busca da remissão de pena e da fuga do cotidiano na favela do presídio.

Referências

CANCLINI, Nestor García (1998). *Culturas Híbridas: Estratégias para pensar e sair da Modernidade*/Nestor Garcia Canclini; tradução Heloíza Pezza Cintrão, 2ª Ed; São Paulo: Editora da universidade de São Paulo.

CERTEAU, Michel de (1994). *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer* / Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes.

FOUCAULT, Michel (1979). *Microfísica do Poder*. Michel Foucault; organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 25ª Ed; São Paulo: Graal.

_____, (2008). *Vigiar e Punir*; tradução Raquel Ramallete, 35ª Ed; Petrópolis: Editora Vozes.

FREIRE, Paulo, (1996). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*/Paulo Freire; São Paulo: Paz e Terra.

GADOTTI, Moacir (2000). *Perspectivas atuais da educação*. Apud: www.scielo.br

_____, *Convite à leitura de Paulo Freire*, 2º Ed; São Paulo: Scipione, 1991.

GEERTZ, Clifford (1998). *O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa*, Petrópolis: Vozes.

GOFFMAN, Erving (2001). *Manicômios, Prisões e Conventos*. Erving Goffman; tradução Dante Moreira Leite, 1ª Ed; São Paulo: Editora Perspectiva S.A.

⁹³ Segundo o C.N.J (Conselho Nacional de Justiça), no ano de 2015, o índice de reincidência nas prisões brasileiras foi de 70% (setenta por cento).